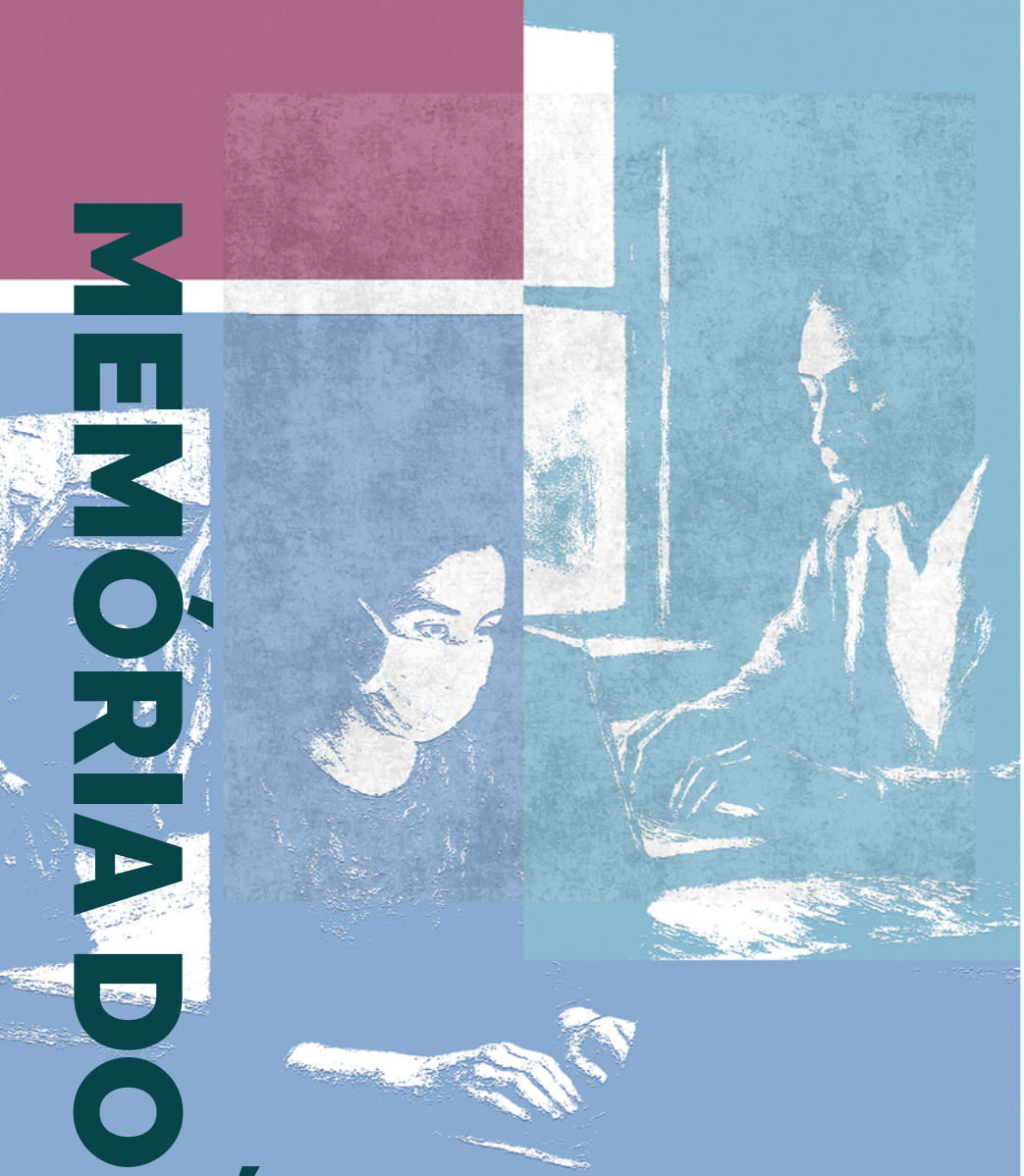
MEMÓRIA DO OFÍCIO DOCENTE

na Pandemia do Covid-19









FERNANDA SPANIER AMADOR
MARIA CAROLINA DE ANDRADE FREITAS
MARIA ELIZABETH BARROS DE BARROS
FABIO HEBERT DA SILVA
(Orgs.)

pimenta cultural

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M533

Memória do Ofício Docente na Pandemia de Covid-19 / Organização Fernanda Spanier Amador... [et al.]. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2026.

Demais organizadores: Maria Carolina de Andrade Freitas, Maria Elizabeth Barros de Barros, Fabio Hebert da Silva.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-506-0
DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-506-0

1. Memória. 2. Ofício Docente. 3. Pandemia de Covid-19. 4. Narratividade. 5. Clínicas do Trabalho. I. Amador, Fernanda Spanier (Org.). II. Freitas, Maria Carolina de Andrade (Org.). III. Barros, Maria Elizabeth Barros de (Org.). IV. Silva, Fabio Hebert da (Org.). V. Título.

CDD 371.102

Índice para catálogo sistemático:
I. Educação – Prática Docente
II. Pandemia - Covid-19
Simone Sales • Bibliotecária • CRB: ES-000814/O

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2026 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2026 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<*https://creativecommons.org/licenses/*>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	Paulo Carim Bevilacqua
Tipografias	Acumin, Raleway, Gloria Hallelujah
Revisão	Milena Domingos
Organizadores	Fernanda Spanier Amador Maria Carolina de Andrade Freitas Maria Elizabeth Barros de Barros Fabio Hebert da Silva

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

2026





SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO

Fernanda Spanier Amador

Maria Elizabeth Barros de Barros

Fabio Hebert da Silva

Maria Carolina de Andrade Freitas

Este livro aborda o trabalho docente da educação básica na e a partir da pandemia de Covid-19. Fruto de um projeto de pesquisa multicêntrica sediado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)[1], envolveu pesquisadoras e pesquisadores[2] de outras três

1 Inicialmente a pesquisa foi contemplada no Edital Universal CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 (Processo CNPq 409825/2021-2) e ao longo de sua realização contou também com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS); do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/UFRGS - PIBIC CNPq, PROBIC FAPERGS e BIC UFRGS e do fomento de bolsas de Mestrado e Doutorado CNPq, CAPES/UFRGS. Importante também destacar a importância do fomento das bolsas de Mestrado e Doutorado: CNPq, CAPES, FAPES (Fundo de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo, pelo Edital 12/2024 PROFIX). Ainda contou com recursos do Programa Institucional de Apoio à Pesquisa/ PAPq da Universidade do Estado de Minas Gerais/ UEMG com bolsas de iniciação científica pelos editais 01/2022 11/2022 e bolsa de iniciação científica do CNPq pela Pró-reitoria de pesquisa e inovação/ PROPESQI da Universidade Federal de Pernambuco/UFPE pelo edital 004/2025.

2 Essa pesquisa é fruto de um cultivo a muitas mãos. Desse modo, torna-se importante registrar que todas as pesquisadoras e todos os pesquisadores que integram atualmente a equipe, bem como aqueles que a ela estiveram vinculados em diferentes fases do projeto, contribuíram de forma significativa para a construção deste trabalho: Fernanda Spanier Amador (UFRGS), Maria Elizabeth Barros de Barros (UFES), Fabio Hebert da Silva (UFES), Maria Carolina de Andrade Freitas (UEMG/ UFPE), Cláudia Osorio da Silva (UFF), Cleci Maraschin (UFRGS), Gabriel Telles Rocha (UFRGS), Lúcia Almeida da Silva (UFRGS), Mateus Dias Pedrini (UFES), Lívia Maria Martins Hermelino (UEMG), Aline Santos (UFRGS), Cristiane Bremenkamp Cruz (UFES), Lívia Fernandes (UFRGS), Raquel Rosa (UFRGS), Patrícia Krieger de Oliveira (UFRGS), Juliana Prediger (UFRGS), Cristiane da Silva Costa (UFRGS), Daniel Rodrigues Fernandes (UFRGS), Miguel Levi de Oliveira Lucas (UFSJ), Marianna Araujo da Silva (UFF), Karla Memória Lima (UFF), Jéssica Prudente (UNISC), Sérgio Neto (UFRGS), Luciana Albuquerque (UFES), Natália Tayná Campos Leite (UEMG), Sofia de Souza Gomes (UFES), Vilene Moehlecke (UFRGS), Claudia Baeta Abbês Neves (UFF), Daniela Navarini (UFRGS), Larissa Ko Freitag Neubarth (UFRGS), Luís Giorgis Dias (UFRGS), Bruno Elkfury Monticelli (UFRGS), Vanessa Maurente (UFRGS).





SUMÁRIO



universidades públicas brasileiras, a saber: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG).

Sob a perspectiva dos estudos Clínicos do Trabalho, interessou-nos acompanhar os esforços de vida e saúde por entre o trabalho em situação de professoras e professores naqueles dias. A crise sanitária gerou forte perturbação nos cenários econômico, político, ambiental e social em todo o mundo, acarretando mudanças significativas nos modos de viver, afinal, naqueles dias passamos por situações fortemente perturbadoras, carregadas de incertezas. Vivemos também situações de enorme injustiça ao constatar a imensa desigualdade e seletividade com que o vírus conseguiu vencer vidas, ao mesmo tempo em que experimentamos a criação de possíveis, habitando um tempo de urgências. Urgências que, nas palavras de Donna Haraway (2023, p. 9), precisam possibilitar a formação de "parentescos em linhas de conexão inventivas como uma prática para aprender a viver e morrer bem uns com os outros em um presente espesso". Resta-nos, assim, a tarefa de seguir colocando novas questões a respeito do que aqueles dias pandêmicos de urgência fizeram de nós, no sentido de que possamos produzir modos de vida cada vez mais afeitos ao bem-viver e morrer uns com os outros.

Seguindo a inspiração da autora, e também nossa verve institucionalista e Clínica do Trabalho[3], decidimos habitar a crise enquanto equipe pesquisadora. Assim, colocamo-nos a produzir conhecimento naqueles e a partir daqueles dias turbulentos, procurando, ainda na inspiração de Donna Haraway (2023), ficar com o problema, isto é, criar problemas e suscitar respostas potentes diante

3 Os campos da Análise Institucional e das Clínicas do Trabalho são limiares para nós. O primeiro colocando acento na trama das instituições, essas aqui entendidas enquanto normas, leis, pautas e regularidades que atravessam e transversalizam práticas e subjetividades, e que são permanentemente movimentadas por forças instituintes na produção do tecido social, sendo transversal às análises produzidas no escopo das Clínicas do Trabalho. Nesse último campo, interessam as conexões trabalho, subjetividade e saúde em uma dinâmica inseparável do processo de produção institucional.





SUMÁRIO



daquele que se afigurava como um dos eventos mais devastadores vividos no mundo em décadas. Buscávamos produzir algum lugar vivível diante de tanta palavra de ordem proferida para que não nos "movimentássemos" muito, ao menos aqueles que assim poderiam fazê-lo, tendo em vista a desigualdade econômica, de gênero, racial, entre outras, com que a pandemia atingiu nossos corpos. Produzir um lugar vivível e suscitar respostas potentes são verbos que estão, para nós juntos, na mesma proposição da concepção de saúde que sustentou nosso projeto.

A ideia de produzir um lugar vivível provém de Georges Canguilhem (2016), quando indica que a saúde se opõe à inércia e à indiferença, ou seja, implica em exercermo-nos normativos, em produzirmos meios para existência. Isto é norma para o autor e nela está o sentido da vida: norma e criação de presente, transitando pelo inacabamento do mundo, das coisas e de si, existindo justo ali onde tudo se faz. Criar meio, normas, para existir e ficar com o problema, tornam-se, assim, motores para nossa travessia investigativa e também operadores conceituais a funcionar em nossas análises.

A pesquisa que gerou este livro foi, portanto, um esforço de vida por parte da equipe pesquisadora naquele momento difícil, já que olhar para o trabalho docente na educação básica converteu-se, para nós, em criar normas para viver e em ficar com o problema a respeito da docência, que também é nossa responsabilidade enquanto equipe pesquisadora, em meio à pandemia. Como indica o título desta, *Narrativas do Trabalho Docente na Pandemia de Covid 19: pela memória do ofício, práticas de cuidado na educação*, desejamos produzir vias para que professoras e professores contassem o que se passava naquele momento diante dos desafios do trabalho. Nosso desejo era produzir uma memória do ofício para que os esforços de vida e saúde ali produzidos não fossem esquecidos, bem como para que oferecesse algum tipo de cuidado pelo acolhimento aos afetos ali experimentados, apostando desta maneira na fertilização, ainda





SUMÁRIO



que em tempos de muita morte, de um futuro para as próximas gerações de trabalhadoras e trabalhadores docentes.

Durante a pandemia, no campo do trabalho os impactos foram rapidamente sentidos. Desemprego, precarização e mudanças nos modos de organização do trabalho, a saber: divisão organização social e técnica do trabalho, relações de trabalho e conteúdo do trabalho geraram situações de intensa pressão sobre as trabalhadoras e os trabalhadores de distintas categorias, com impactos peculiares sobre trabalhadoras e trabalhadores da educação. Embarcar no ensino remoto foi um dos desafios que se impuseram a eles. E fazê-lo sem devida preparação, bem como sem devidos recursos tecnológicos, só complexificou ainda mais o cenário de dificuldades.

Clot (2021) destaca em prefácio escrito para livro publicado em meio à pandemia que a presença do vírus derrubou as paredes da divisão do trabalho uma vez que, no caso do trabalho em saúde, a administração hospitalar precisou acatar as prescrições dos cuidadores e esses assumiram, muitas vezes, a liderança dos processos, experimentando métodos de organização que ninguém havia antes experimentado. O hospital passou a ser gerido pela inteligência das situações e as estratégias do trabalho real transformaram a organização prescrita, a serviço da ação. Criaram-se situações nas quais as pessoas puderam se sentir na origem das coisas, mas o autor alerta: é preciso impedir que a potência coletiva do trabalho que se impôs na pandemia caia no esquecimento e que a iniciativa que acompanhou as situações concretas do trabalho naqueles dias seja perdida.

No percurso da experiência do trabalho docente naqueles tempos difíceis da pandemia, houve vários sinais de que "as paredes", como diz Yves Clot, da organização do trabalho docente, também foram movidas. Isso se passou quando estudantes adolescentes orientaram professoras e professores a como proceder no trabalho pelo uso de tecnologias, ou ainda, quando pessoas da vizinhança ajudavam as crianças nas tarefas escolares quando os pais tinham





SUMÁRIO



dificuldade em fazê-lo. Sendo assim, traçar os percursos da atividade vivida naqueles e a partir daqueles dias possibilita criar dispositivos de memória, do ofício e das vidas, na e a partir da pandemia, criando condições de possibilidade para a produção de novos sentidos ante o evento traumático que, nos parece, configurou a situação pandêmica. Do mesmo modo que possibilita a ativação da dimensão pública da experiência do trabalho que foi experimentada na e pela pandemia de modo a adensar uma memória capaz de possibilitar novas estilizações do trabalho docente.

A pesquisa atentou para a dimensão do exercício do trabalho como atividade. Por atividade entendemos o processo de criar meio para trabalhar, de exercício de normatividade no sentido de Georges Canguilhem, quando no trabalho em situação enfrentamos infidelidades do meio que nos forçam à gestão da distância, sempre presente entre trabalho prescrito e trabalho real. Nessa experiência de gestão, para Clot (2010) a atividade é na realização efetiva da tarefa, por ela, mas também, por vezes, contra ela, na produção de um meio de objetos materiais, simbólicos e de relações humanas ou mais exatamente, recriação de um meio de vida. Pensando com a filosofia de Spinoza (2008), o autor investe o conceito de atividade com a ideia de *conatus*, a qual diz de um esforço de preservação no ser que vincula o dinamismo da vida à inteligência, a produtividade do ato à realização de si. Trata-se então, de perseguir possibilidades de ampliar a potência de ação no trabalho, potência essa conectada ao poder de existir em uma peculiar relação afetiva entre os corpos.

Para tanto, valemo-nos, do campo clínico do trabalho, da abordagem da clínica da atividade proposta por Yves Clot e colaboradores francófonos, e também da clínica da atividade investida em terras brasileiras, essa última colocando desafios problemáticos, formulações conceituais e desenhos metodológicos buscando sintonia com nossa realidade. Valemo-nos também, de autoras e autores





SUMÁRIO



oriundos de outros campos, mas com os quais geramos ferramentas para a pesquisa. Dentre eles, citamos: Donna Haraway, Roland Barthes, Walter Benjamin, Franz Fanon, Achile Mbembe, Jeanne Marie Gagnebin, Françoise Vergés, Luiz Rufino, Renato Noguera, Jacques Rancière, Maria Aparecida Bento, Ana Tsing, Ursula Le Guin, Abdias do Nascimento, entre outros.

Localizando-nos na perplexidade diante de um trabalho docente que na pandemia se exercia diferentemente do habitual e para o qual ainda não eram suficientemente dominados os signos necessários para conduzir a tarefa, para agir nem para avaliar os seus efeitos junto aos discentes, o interesse da pesquisa situou-se na expressividade inerente às estratégias de ofício docente que teve lugar na e a partir da pandemia. Percorremos, assim, o que professoras e professores fizeram ou não fizeram, pensaram em fazer, tentaram e recuaram, experimentaram e avançaram, as linhas problemáticas por eles experimentadas no enfrentamento das infidelidades do meio que acompanharam a maior das infidelidades daquele momento que se chamava Covid-19.

Insegurança, solidão e medo foram apenas alguns desses impactos que configuraram quadros de sofrimento e adoecimento peculiares ao momento. Ao mesmo tempo, muitas pessoas que se mantiveram trabalhando foram convocadas a ritmos acelerados e intensificados de trabalho, seja pela redução no número de trabalhadores por locais de trabalho, seja pela realização do trabalho remoto. Esse último, invadindo o espaço doméstico, parece ter deixado ainda mais escancaradas as desigualdades socioeconômicas, de raça, gênero e de corpos com deficiência, na situação ora vivida.

Françoise Vergès (2020) no livro *Um Feminismo Decolonial* adverte para o modo como vidas tornadas vulneráveis e vidas protegidas se desenharam na pandemia. Na ocasião muitas pessoas não confinadas garantiram a vida dos protegidos fazendo funcionar sistemas de consumo e serviços, tais como o da coleta de lixo, na maioria





SUMÁRIO



das vezes sem os equipamentos de segurança necessários e adequados. Trata-se de pessoas que se tornaram indispensáveis ao confinamento, como diz Vergès. Neste sentido, em muitos momentos na crise sanitária vimos professoras e professores sofrendo pressão por parte da população para que retornassem às escolas, mesmo sem adequadas condições sanitárias de proteção. Lembramos, inclusive, de uma professora dizendo através das mídias sociais: por que a população não se mobiliza para pedir ao poder público que garanta condições adequadas de retorno ao ambiente escolar ao invés de esperar das professoras e professores um sacrifício pessoal?

A peculiaridade do ofício docente envolvendo pessoas em aglomeração, crianças, jovens, adultos e idosos, indica tratar-se de um segmento cujos desafios de enfrentamento da pandemia foram extremos. Em que pese as diferenças de classe que deixaram evidente o quanto rapidamente o segmento privado, em tese, conseguiu transportar seus afazeres de ensino para plataformas digitais, enquanto o setor público ainda ensaiava essa transposição, ambos segmentos de ensino, público e privado, experimentaram a necessidade de pensar em modos diferentes de exercício do trabalho docente, incluindo a criação de estratégias para lidar com as plataformas digitais. Salienta-se, a este respeito, as dificuldades enfrentadas, sobretudo no âmbito do ensino público, relativas ao significativo contingente de estudantes das escolas e universidades que se encontraram sem acesso à rede de internet ou a equipamentos compatíveis com o exigido para o acesso das aulas e atividades escolares e acadêmicas.

Tendo como objetivo geral analisar como a produção de um memorial das intensas transformações geradas pela Covid-19 pode contribuir para a produção e registro da história do trabalho docente, de suas lutas travadas cotidianamente, por trabalhadoras e trabalhadores docentes no exercício do seu ofício em tempos de pandemia, nossa pesquisa desdobrou tal objetivo nos seguintes





SUMÁRIO



objetivos específicos: a) produzir e compartilhar um memorial do ofício docente em tempos de pandemia como estratégia de cuidado à saúde de professoras e professores, partindo do princípio de que cuidando do ofício, cuida-se das pessoas; b) contribuir com conhecimento produzido em coanálise com professoras e professores para a formulação de políticas públicas para a educação a partir da situação pandêmica; c) fortalecer rede de produção de conhecimento entre universidade e trabalhadoras e trabalhadores da educação; d) desenvolver, conceitual e metodologicamente, ferramentas clínicas do trabalho explorando a contribuição do conceito de figuração desenvolvido por Donna Haraway para as análises do trabalho como atividade.

Os dispositivos metodológicos experimentados na pesquisa configuraram um modo inusitado de fazer pesquisa clínica do trabalho: foi necessário criar uma plataforma digital para postagem de histórias de trabalho tendo em vista que o projeto teve seu início durante a pandemia e precisávamos encontrar meios de acesso à experiência docente. Dispusemos de uma página eletrônica[4] utilizando a tecnologia Wordpress – um sistema de gerenciamento de conteúdo para internet, de código aberto, que contou com um ambiente de gerenciamento de conteúdo amigável ao usuário e de fácil manejo. A plataforma possui caráter dialógico, inclusive na postagem de histórias, para viabilizar o processo de trocas e conversas entre docentes, equipe pesquisadora e frequentadores do ambiente virtual, contando com o recurso de postagem de comentários. Utilizamos também a plataforma Google Meet, para fins de possibilitar Rodas de Conversa entre docentes e equipe pesquisadora naqueles tempos de isolamento e distanciamento social.

4 A plataforma da pesquisa https://www.ufrgs.br/memoriadooficiodocente/ segue ativa oferecendo-se agora enquanto Dispositivo de Inserção Social, visando difusão do conhecimento científico, popularizando a ciência e os saberes produzidos pelos programas à sociedade em geral, para além do universo da comunidade acadêmico-científica. A plataforma é composta, também, de produtos técnicos gerados ao longo da pesquisa.





SUMÁRIO



Destacamos que a pesquisa se iniciou no ano de 2020 em um momento de forte crise em nosso país: vivíamos à época uma crise sanitária e política que nos levava a padecer, naquele momento de uma força de morte impressa pelo governo Bolsonaro. Vários Ministros da Saúde trocados com frequência, para que atendessem às diretrizes de um governo negacionista, aumentavam nossa sensação de insegurança em um momento de alta letalidade pelo Coronavírus. O estímulo daquele governo para que as pessoas arriscassem a própria pele em nome da manutenção da economia "em bom estado" davam o contorno de estratégias mortíferas que circulavam com desenvoltura. Padecemos do vírus e de uma política de governo que não teve pudor em assumir o risco de matar quando estimulou a população a expor-se a riscos letais, a despeito dos alertas dos organismos internacionais, da saúde e da ciência referentes aos cuidados sanitários.

O livro está organizado em 4 seções, assim intituladas: De Narrativas, Memórias e Clínicas do Trabalho na Pandemia de Covid-19; Capítulos Emergentes das Rodas de Conversa; De Histórias e Interpolações; e, por fim, De Lutas e Desafios que Continuam.

Na primeira seção constam capítulos que abordam aspectos conceituais e metodológicos experimentados na pesquisa, a segunda trata dos materiais emergentes nas conversas realizadas com três grupos de professoras e professores, a terceira apresenta análises produzidas a partir das histórias postadas na plataforma digital criada para a pesquisa e a quarta, e última seção, traz considerações a respeito dos desafios que enfrentamos pela frente no que tange à produção de estratégias de saúde junto a trabalhadoras e trabalhadores docentes, bem como aos rastros deixados pela pandemia.

Este livro é um testemunho sensível do ofício docente em tempos de transformações importantes no mundo todo. É também fruto de uma pesquisa realizada a muitas mãos no âmbito das clínicas do trabalho, que busca se conectar com dimensões da





SUMÁRIO



memória, com os gestos e as lutas de educadoras e educadores que enfrentaram (e enfrentam ainda) o desafio radical de reinventar sua prática desde a pandemia de Covid-19, se considerarmos uma "pandemia que não acabou" tendo em vista suas consequências. Os capítulos que se seguem são a aposta em uma política da narratividade, que se interessa pelo ofício docente, desde a dor do distanciamento, a intensificação da precarização dos processos de trabalho e a invasão das tecnologias digitais até a microgestão do cotidiano, as redes de solidariedade e a potência criativa que se expressou na adversidade. Ao apostar nessa narrativa como ferramenta de cuidado e a metodologia clínica como espaço de diálogo, esta obra se constrói como um dispositivo para compreender as dimensões da saúde, da organização do trabalho e da resistência política necessárias para o cuidado nesses tempos, afirmando inclusive que a escola é, antes de tudo, um espaço de vida. Mais do que um registro acadêmico, este livro é uma ferramenta de intervenção.

Felizmente encontramo-nos quando da entrega deste livro, em outro tempo. Tempo ainda delicado e machucado após uma tentativa de golpe de estado ante a vitória nas urnas em 2022 de um governo atento às desigualdades sociais e compromissado com a democracia. Estamos ainda pisando com cuidado, afinal, nossa jovem democracia acaba de ter sido duramente atacada. Para seguir, apostamos na produção de memória como meio de resistência, memória capaz de nos fazer colher as coragens experimentadas e a confiança acreditada naqueles e por aqueles dias pandêmicos. Trazemos ainda, alguns elementos do período, já pós-pandemia, ou na "pandemia que não acabou", conforme abordamos no capítulo final deste livro. Contudo fica aqui, desde já, uma advertência e um desejo: o de que por entre essa "pandemia que não acabou" saibamos colher os gérmenes problemáticos que a Covid-19 nos deixou e que aguardam, enquanto desafios, por novos desenhos de futuros esperançados.





SUMÁRIO



REFERÊNCIAS

CANGUILHEM, Georges. Meio e normas do homem no trabalho. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 12, n. 2-3, p. 109–121, 2016.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

CLOT, Yves. Introduction. Au de là de la pandémie, repenser le travail. *In:* CLOT, Yves; BONNEFOND, Jean-Yves; BONNEMAIN, Antoine; ZITTOUN, Mylène. **Le prix du travail bien fait.** La coopération conflictuelle dans les organizations. Paris: La Découverte, 2021.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema:** fazer parentes no chthluceno. Rio de Janeiro: n-1 edições, 2023.

SPINOZA, Benedictus Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. São Paulo: Ubu editora, 2020.